

Placas e crescentes -Análise de um conjunto de componentes de tear do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo), 3º milénio a.n.e.

Catarina Costeira

O presente trabalho teve como objectivo estudar um conjunto de materiais em cerâmica, designados por componentes de tear, proveniente do sítio arqueológico de S. Pedro (Redondo). Apresentamos uma caracterização tipológica e tecnológica destes materiais, procurando uma aproximação à sua funcionalidade. Os dados obtidos foram enquadrados nos espaços e fases deste povoado, com os objectivos de, respectivamente avaliar a disposição espacial e o comportamento quantitativo e formal destes artefactos ao longo da diacronia.

Os componentes de tear são uma das categorias artefactuais mais típicas dos povoados do 3º milénio a.n.e. do Sul da Península Ibérica, tendo-se tornado elementos indispensáveis para o estudo das transformações agrícolas, pastoris e artesanais que caracterizaram estas comunidades.

Palavras-chave: Componente de tear, peso de tear, placas, crescentes, 3º. Milénio a.n.e.



Fig. 1 Localização do sítio de S. Pedro na Península Ibérica (Base cartográfica: R. Mataloto)

Abstract

The aim of present article was to study a sample of ceramic materials, reported as loom components, from the archaeological site of S. Pedro (Redondo, Central Alentejo). The loom components were analyzed from different perspectives. Firstly, a recording sheet was made for the description of their technological and typological characteristics, defining two main forms, organized into several types and subtypes, looking up afterwards an approximation to its functionality. The data were located into spaces and phases of the S. Pedro's site, with the aim of, respectively, evaluating the space disposal and the quantitative and formal behavior of loom components over the diachronic.

The loom components are one of the most typical artifacts of the 3rd millennium BCE settlements of the southern Iberian Peninsula and a key element for the study of all transformations that characterized these communities.

Keywords: Loom component, loom weight, crescent-shaped weight, 3rd millennium BCE.

Introdução

Este artigo tem como ponto de partida o trabalho desenvolvido no âmbito de uma tese de mestrado, intitulada - *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo), 3º. Milénio a.n.e.*, apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa em Janeiro de 2011,

consistindo num alargamento do conjunto artefactual analisado e no aprofundamento de algumas problemáticas.

Neste trabalho definimos como objectivos a análise morfológica, tecnológica e funcional de um conjunto de materiais em cerâmica – placas e crescentes, através da construção de uma ficha descritiva, de uma tipologia e da sua contextualização nos espaços e fases do povoado de S. Pedro.

Começaremos por apresentar de forma sucinta o sítio arqueológico de proveniência dos materiais, em seguida centramo-nos no estudo dos artefactos e terminamos com um breve enquadramento dos componentes de tear no Ocidente da Península Ibérica.

O sítio arqueológico de S. Pedro

O sítio de S. Pedro localizava-se no Alentejo Central, distrito de Évora, freguesia e concelho de Redondo, com as seguintes coordenadas centrais, X: 250636,77 e Y: 187159,05, na Carta Militar 1:25 000 – 451, a 322 m de altitude. Este sítio implantava-se no cimo de um cabeço alongado de vertentes íngremes e topo aplanado, pontuado por afloramentos rochosos de xisto, que integra um conjunto de elevações que bordejam a margem Nascente da planície central de Redondo, a Sul da Serra d'Ossa. A posição destacada (figura 2) sobre a planície tornou-o um marco na paisagem, com um amplo domínio



Fig. 2 Vista do cabeço de S. Pedro para Norte.

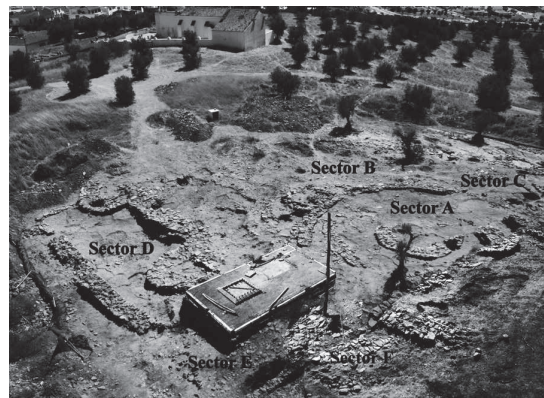


Fig. 3 Vista geral do povoado de S. Pedro com indicação dos sectores de escavação (Foto: R. Mataloto)

visual para Sul e para Ocidente, onde as planuras só por vezes são interrompidas pelo ondular de pequenas elevações, mas relativamente limitado nos quadrantes Norte e Nascente pela Serra d'Ossa e restantes elevações de Redondo, respectivamente.

O sítio de S. Pedro integrava-se, assim, numa área natural de contacto entre o litoral atlântico do Tejo e as planícies interiores do Guadiana (Mataloto, 2010, p.264), num território multifacetado, em que a planície de solos agrícolas e pastos se combina com a estrutura imponente da Serra d'Ossa – espaço de exploração de recursos cinegéticos e de captação de minérios.

A descoberta do sítio arqueológico em análise ocorreu na década de noventa do século XX, sendo pela primeira vez referido na bibliografia arqueológica por Manuel Calado (Calado 1993), que o classificou como um povoado potencialmente fortificado (Calado, 1995, 2001). As intervenções arqueológicas posteriores enquadraram-se num contexto de salvaguarda e de emergência motivado pela construção de uma estrutura viária, que impôs a destruição de uma parte significativa do sítio. Este projecto desenvolveu-se em três fases, que decorreram, grosso modo, entre Março de 2004 e Novembro de 2009.

O contexto da intervenção e a necessidade de escavar integralmente a área a afectar (cerca de 2000 m²) conduziram à utilização de uma metodologia de área aberta, seguindo os princípios definidos por

Barker (1977) e Harris (1989).

A área de escavação foi dividida em seis sectores, de A a F como representado na figura 3, para uma abordagem mais organizada do terreno.

Os dados actualmente disponíveis permitem avançar com a proposta de cinco grandes fases de ocupação (representadas na figura 4), cuja definição decorre da presença ou ausência de grandes estruturas de fortificação:

A primeira fase é a mais difícil de definir, devido à sua fraca visibilidade arquitectónica e ao forte dinamismo das etapas posteriores. Todavia, a identificação de depósitos, estruturas negativas de tipo silo / fossa e depressões escavadas no substrato geológico sob a primeira muralha, associadas a um conjunto artefactual marcado por formas esféricas e globulares lisas, por vezes com mamilos junto ao bordo, taças carenadas, e ausência de pratos (Mataloto, 2010, p.280) parecem materializar esta primeira fase, que cronologicamente se poderá enquadrar na transição do 4.º para o 3.º milénio a.n.e.

O povoado da fase II caracteriza-se pela construção de um amplo e robusto sistema de fortificação. Na área intervencionada esta estrutura é constituída por cinco segmentos rectilíneos construídos em xisto, delimitando um espaço aproximadamente trapezoidal com cerca de 800 m². Num primeiro momento, associadas aos troços das muralhas, erguiam-se duas torres ocas a Sudoeste e três de

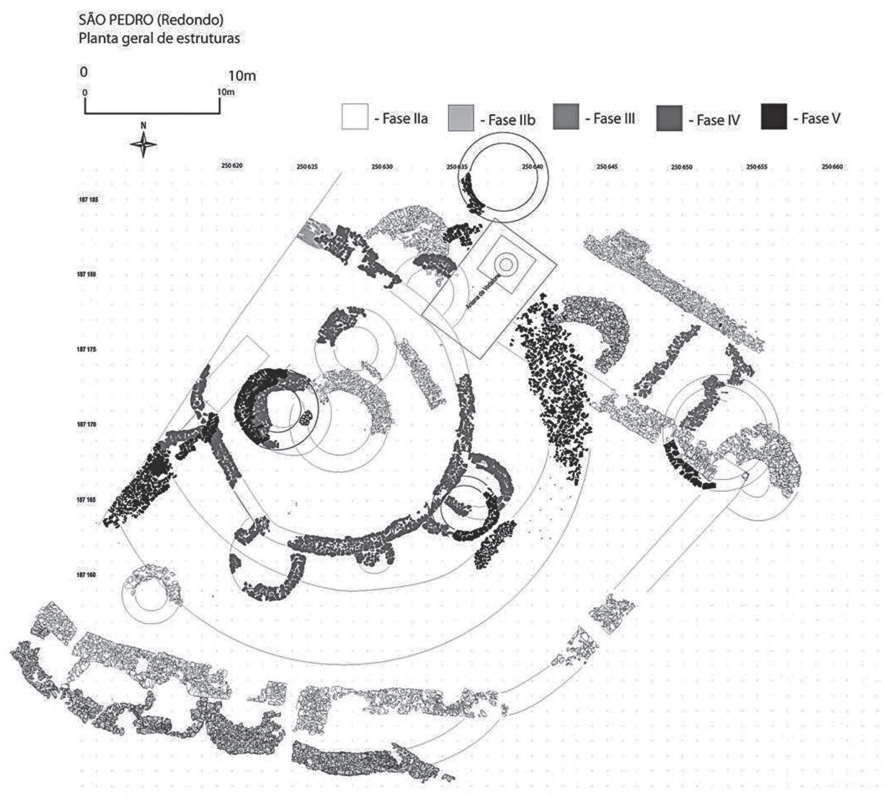


Fig. 4 Planta geral do povoado de S. Pedro com indicação das 5 fases.

maior envergadura a Norte. Posteriormente, a face Sudoeste da muralha sofreu uma remodelação de parte do seu circuito, com a substituição de alguns dos seus troços e das suas torres por construções de menor entidade. Estas transformações não alteraram significativamente a morfologia da estrutura nem o espaço delimitado. Na área central interior identificaram-se duas estruturas, [345] e [1600], de planta circular com alicerces de pedras de xisto de calibre diverso, que deveriam desenvolver-se em altura. Estas características, associadas à presença de vestígios habitacionais no seu interior, colocam a hipótese da sua utilização como cabanas com a função de torres (Mataloto, et al., 2007, p.123). O conjunto artefactual cerâmico associado a esta ocupação é marcado pela presença expressiva de formas esféricas e globulares maioritariamente lisas, taças carenadas, almagradas e de bordo espessado, e alguns pratos de bordo espessado, largo e aplanado. A esta fase associam-se, possivelmente, os primeiros indícios da prática metalúrgica com a presença de cadinhos e raros artefactos em cobre.

Esta ampla estrutura fortificada terá sido desactivada e desmantelada no final do primeiro quartel do 3.º milénio a.n.e., sendo mais uma vez difícil de indicar se ocorreu um abandono efectivo do sítio ou se a sua ocupação continuou com a mutação arquitectónica e a reformulação espacial.

O povoado da fase III ergueu-se e organizou-se sobre as ruínas e as fundações do anterior, aparentemente sem sistema de delimitação perimetral, caracterizando-se pela presença de estruturas edificadas em materiais perecíveis, o que lhe conferiu uma fraca expressão arquitectónica. As principais evidências desta fase identificaram-se no lado Norte (sector D). Apesar de em termos materiais não se terem detectado alterações significativas nesta terceira fase, a sua descontinuidade arquitectónica e a existência de potentes níveis de escombros, individualizaram-na da ocupação anterior.

A fase IV é marcada pela construção de uma nova estrutura de fortificação de planta ovalada, com um conjunto de torres adossadas pelo exterior que se transformaram ao longo do tempo, delimi-

tando um espaço relativamente circunscrito (200 m²). No interior sucederam-se várias estruturas de morfologia circular e no exterior da fortificação identificou-se uma quantidade assinalável de vestígios de construções domésticas. A proliferação e a diversidade destas estruturas, e a exiguidade do espaço delimitado, parecem indicar que a maioria das áreas de actividade e de residência se localizavam fora das muralhas. Assim, o povoado seria uma realidade mais ampla do que o espaço fortificado (Mataloto, et al., 2007, p.125). O conjunto artefactual da fase IV distingue-se do das fases anteriores pela predominância das formas abertas, nomeadamente dos pratos de bordo simples e almendrado e pelo desaparecimento das taças carenadas.

A desactivação do povoado da fase IV terá ocorrido gradualmente em meados do 3.º milénio a.n.e., surgindo posteriormente sobre as suas ruínas e derrubes uma nova ocupação (fase V), sem estrutura delimitadora, constituída por cabanas de planta circular com embasamento pétreo e por algumas estruturas negativas de apoio habitacional. No final desta fase construiu-se um empedrado, de morfologia circular, sobreposto ao traçado da antiga muralha, difícil de interpretar. Em termos materiais destaca-se a presença de raros fragmentos de cerâmica campaniforme, de dimensões reduzidas, todos integrados no estilo inciso, com gramáticas decorativas semelhantes aos conjuntos do tipo Ciempozuelos (Mataloto, et al. no prelo).

O enquadramento cronológico da última fase e o abandono total do sítio enquanto povoado não são ainda possíveis de definir com clareza. Com efeito, torna-se necessário aguardar pela interpretação global da estratigrafia e pela realização de novas datações de radiocarbono, uma vez que as seis efectuadas (Mataloto e Müller, no prelo) até ao momento não são suficientes para uma leitura mais fina do faseamento do povoado.

Placas e crescentes – os componentes de tear do sítio de S. Pedro

As placas e os crescentes de cerâmica são presença constante nos contextos relacionados com as comunidades calcolíticas da Península Ibérica, ocorrendo com maior expressão nos sítios de ha-

bitat e de forma mais restrita nas necrópoles. Esta forte presença tornou-as peças incontornáveis e algo enigmáticas para as várias gerações de arqueólogos peninsulares.

No final do século XIX e na primeira metade do século XX, a referência a estes artefactos é uma evidência em diversas publicações da especialidade (Veiga, 1889; Costa, 1903, 1906; Vasconcellos, 1916, 1918 e 1929; Correia, 1914, 1921; Pereira, 1915; Paço, 1940, 1953, e 1961). Os vários investigadores apresentavam descrições detalhadas e semelhantes das placas, registando-se uma relativa unanimidade na sua interpretação como componentes de tear. Ao contrário, a descrição dos crescentes era menos aprofundada e pormenorizada, não sendo consensual a sua associação à tecelagem. Com efeito, se para alguns autores, como V. Correia, os crescentes seriam pesos de tear, estando relacionados com as placas, outros, na linha de Estácio da Veiga e J. L. Vasconcellos, interpretavam-nos como objectos de adorno, não havendo muitos apoiantes, na comunidade científica portuguesa da proposta dos irmãos Sirets (1917) da sua associação à fundição metalúrgica.

Nos últimos anos da década de 80 assistiu-se a uma mudança na análise de placas e crescentes, motivada pelas transformações teórico-metodológicas que então marcaram a arqueologia portuguesa (Costeira, 2010, p.27-28). Estes artefactos designados por “pesos de tear” passam a ser quantificados e contextualizados em termos espaciais e cronológicos nos sítios arqueológicos em que surgem (Silva e Soares, 1987; 1988; Gonçalves, 1989), tornando-se uma das expressões materiais da “Revolução dos Produtos Secundários”.

Os anos noventa foram marcados pela tentativa de normalização do estudo dos componentes de tear (Diniz, 1994, Valera, 1997). A primeira tese de mestrado dedicada exclusivamente a este tema foi realizada no despontar do século XXI (Gomes, 2003), centrando-se num conjunto de componentes de tear do sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa). Neste trabalho, a par das análises estatísticas e morfológicas dos materiais, o autor procurou apresentar a sua dispersão pelo sítio arqueológico, bem como

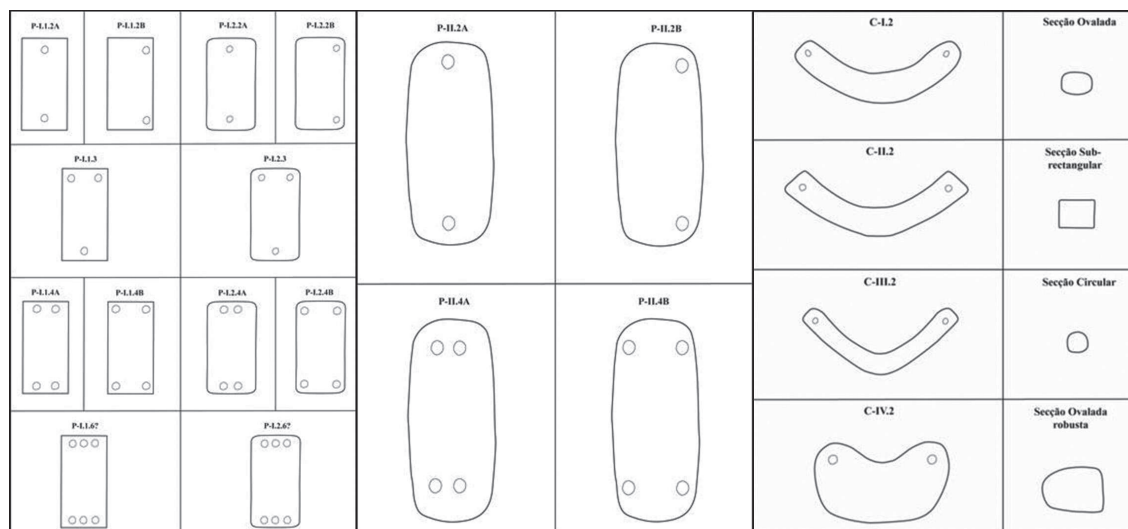


Fig. 5 Catálogos de formas rectangulares, ovaladas e dos crescentes.

descrever os seus contextos de proveniência. As questões relacionadas com as técnicas de tecelagem ganharam um novo destaque.

As placas e os crescentes tornaram-se elementos ou, mais concretamente, componentes de teares, apesar da persistência na designação “pesos de tear”. A tentativa de objectivar e quantificar os materiais não anulou a diversidade terminológica e metodológica. Os mecanismos de tear, apesar do seu carácter perecível, são procurados e problematizados, mas nem todas as associações em campo têm sido lidas como teares. A tecelagem, enquanto actividade produtiva, é entendida como uma das expressões materiais da “Revolução dos Produtos Secundários”, mas também como um elemento essencial para reconstruir a vivência do quotidiano no 3.º milénio a.n.e. A associação desta actividade ao género feminino é sugerida por diversos investigadores, motivada sobretudo pelos paralelos etnográficos e históricos tradicionais em que a mulher é a tecelã por excelência.

Neste trabalho procuramos apresentar propostas para o estudo de placas e crescentes por forma a superar a multiplicidade de termos e critérios utilizados, bem como refletir sobre a sua associação à tecelagem.

Componente de tear define-se como um artefacto

to imprescindível num engenho para tecer, podendo desempenhar diferentes funções consoante a técnica utilizada. Esta designação distingue-se do tradicional termo peso de tear e do mais recente elemento de tear pelo seu carácter funcional mais abrangente. A placa é uma peça em cerâmica com quatro lados, de morfologia diversa: rectangular, quadrangular, trapezoidal e ovalada, com múltiplas perfurações; o crescente, igualmente em cerâmica, tem uma forma curva com secção de morfologia diversificada, e habitualmente duas perfurações.

A ficha descritiva construída para a análise destes materiais (Costeira, 2010) segue muitos dos critérios propostos por V. Gonçalves (1989), M. Diniz (1994), A. Valera (1997, 2006b), R. Boaventura (2001), G. Branco (2007) e S. Gomes (1998-1999, 2003, no prelo) para a análise destes materiais e de outros artefactos em cerâmica; organizando-se em oito partes:

- i) identificação: unidade estratigráfica, número de inventário, sector, estado;
- ii) morfologia;
- iii) caracterização métrica;
- iv) número de perfurações e características métricas;
- v) análise tecnológica: pasta, CNP, cozedura, acabamento de superfície;

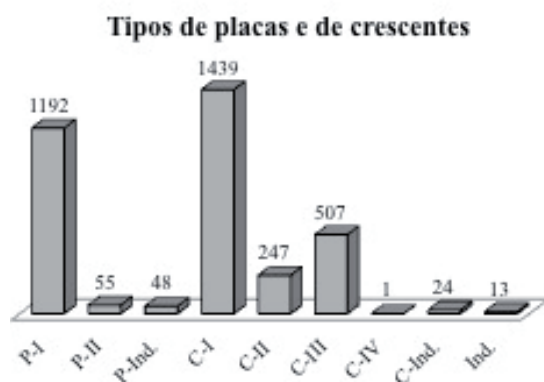


Fig. 6 Gráfico que representa os vários tipos de placas e de crescentes.

- vi) decoração: localização, técnica e motivo;
- vii) vestígios de utilização;
- viii) observações: informações complementares.

A par da ficha descritiva, o grande objectivo deste trabalho consistia na construção de uma tipologia ampla e aberta que possibilitasse a organização e sistematização dos componentes de tear, não só do sítio arqueológico de S. Pedro, mas de outros contextos arqueológicos peninsulares. Deste modo, os critérios utilizados nesta organização tipológica baseiam-se essencialmente nos aspectos morfológicos das peças.

Os componentes de tear em análise dividem-se em duas grandes formas – placas e crescentes, de acordo com as suas características gerais. Os tipos de placas foram definidos com base no contorno geral da peça, individualizando-se dois grupos – placas rectangulares (P-I) e placas ovaladas (P-II); distinguindo-se as variantes a partir das diferenças nas características das arestas, dos cantos, no número e localização das perfurações. Neste trabalho definimos apenas dois tipos de placas, ao contrário do que defendemos anteriormente (Costeira, 2010), uma vez que consideramos que a existência de apenas um elemento diferente, uma placa com tendência hiperboloide não é suficiente para a determinação de um tipo autónomo.

Os diferentes tipos de crescentes foram definidos a partir da forma da secção, uma vez que o número de perfurações e a sua localização são re-

Número de perfurações das placas

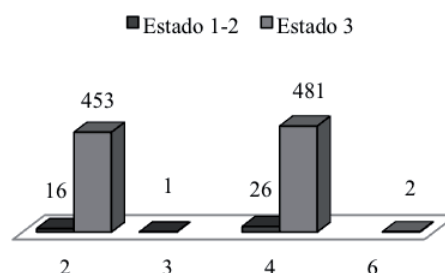


Fig. 7 Gráfico que ilustra o número de perfurações das placas.

lativamente constantes no conjunto estudado e na maioria das peças conhecidas, sendo difícil de isolar outras características com expressividade para definir variantes coerentes. Assim, a variabilidade morfológica das secções permitiu a definição de quatro tipos de crescentes: de secção ovalada (C-I), de secção sub-rectangular (C-II), de secção circular (C-III) e de secção ovalada robusta (C-IV).

O trabalho agora apresentado resulta de um alargamento do conjunto artefactual analisado anteriormente (Costeira, 2010), com a integração de todos os componentes de tear provenientes do sítio arqueológico de S. Pedro. As 3526 peças analisadas apresentam diversos estados de conservação, sendo as fragmentadas claramente maioritárias (98%), o que exigiu prudência no cálculo do número mínimo de componentes de tear, uma vez que não é possível garantir que todos os fragmentos sem remontagem constituem peças isoladas. Seguindo as duas formas de cálculo, já por nós apresentadas (Costeira, 2010), podemos concluir que o número mínimo de componentes de tear se situa entre os 1086 e 2089.

Numa análise quantitativa geral observamos que o número de crescentes é superior ao de placas, representando 63% do conjunto, todavia esta diferença pode explicar-se pelas características morfológicas dos crescentes, que os tornam peças menos resistentes.

As placas rectangulares surgem como o tipo

mais expressivo desta forma, com 900 elementos, enquanto que as placas ovaladas surgem representadas apenas por 50 exemplares (os fragmentos mesiais não são referidos nesta contagem).

No conjunto das placas rectangulares, as que apresentam arestas e cantos arredondados (707) destacam-se numericamente face às que têm as arestas vincadas e os cantos angulosos (185), o que pode estar associado não só à modelação da peça, mas a questões funcionais e eventualmente tafonómicas. No sítio de S. Pedro as características das arestas e cantos das placas parecem assim seguir uma tendência diferente da que foi documentada no povoado de Pombal (Boaventura, 2001, p.49), em que as placas com arestas vincadas e cantos angulosos são maioritárias.

No que se refere ao número de perfurações, as placas podem apresentar duas (uma em cada extremidade), quatro (duas em cada extremidade), três (uma num dos lados e duas no oposto) e seis (três em cada um dos lados). A percentagem de placas com duas e quatro perfurações é praticamente similar (48 % e 52 % respectivamente), registando-se apenas um exemplar inteiro com três perfurações no total e dois fragmentos, com três perfurações alinhadas num dos topos. Estes dados permitem colocar a questão da diversidade, mas não recusam a tendência geral verificada na maioria dos conjuntos de placas do Sul peninsular. As perfurações são maioritariamente centradas nas placas de duas perfurações e tendencialmente próximas das extremidades laterais nas placas de quatro perfurações.

Em termos métricos, a variabilidade impera no interior de cada tipo e subtipo, no entanto destacam-se algumas tendências. As placas rectangulares apresentam larguras que variam entre 1,0 – 6,0 cm, espessuras entre 0,5 – 3,5 cm, comprimentos entre 6,0 – 13,9 cm e pesos entre 10 – 230 g. À excepção do peso, para o qual não se conhecem dados comparativos, todas as outras medidas se aproximam dos valores definidos para estas peças no povoado dos Perdigões (Valera, 1998, p.102), nos povoados da margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), como Moinho de Valadares 1, Mercador, Monte do Tosco 1 e Cerros Verdes 3 (Gomes, no prelo, p.110 e 112) e no povoado de Pombal (Boaventura,

2001, p.49-50). As placas ovaladas apresentam características mais robustas do que as rectangulares, no que se refere à largura e espessura, com valores balizados entre 2,0 – 7,9 cm e 0,8 – 2,9 cm respectivamente, e apesar de não se dispor de exemplares inteiros que permitam aferir o peso médio destas peças, os valores obtidos para alguns fragmentos reforçam o seu carácter possante.

As dimensões das perfurações apresentam uma grande semelhança entre as placas rectangulares com duas e quatro perfurações, com diâmetros máximos entre 0,3 – 1,0 cm e diâmetros mínimos entre 0,1 – 0,7 cm. Os diâmetros máximos e mínimos das perfurações das placas ovaladas balizam-se entre 0,5 – 1,3 cm e 0,2 – 1,0 cm respectivamente, identificando-se as medidas mais elevadas nas placas com duas perfurações.

Os crescentes do sítio de S. Pedro encontram-se organizados em quatro tipos, que coincidem com os identificados na maioria dos povoados calcolíticos do Sul peninsular.

O tipo crescente de secção ovalada robusto é representado apenas por um exemplar no povoado de S. Pedro, identificado à superfície, o que o torna pouco representativo em termos morfológicos e estratigráficos. As suas características distinguem-se claramente de todos os outros crescentes do conjunto, não só em termos morfológicos mas também em termos métricos, assumindo-se como uma peça muito mais possante. Este tipo tem paralelos noutras contextos do Sudoeste peninsular, alguns regionalmente próximos, como o povoado do Monte da Ribeira (Calado, 2001, p. 164), dos Perdigões (Valera, 1998, p. 102) e do Mercador (Gomes, no prelo, p.110), outros mais distantes, como o povoado de Papa Uvas (Martín de la Cruz, 1986) e Valencina de la Concepción (Fernandez e Oliva, 1985, fig.45, n.º 110), o que atribui consistência à sua definição, embora só tenhamos analisado um exemplar.

Em termos numéricos, os crescentes de secção ovalada são o tipo mais expressivo, representando 65 % do conjunto, seguido dos de secção circular (23%) e por último dos de secção sub-rectangular (11%). As características métricas dos vários tipos de crescentes apresentam valores relativamente próximos, balizando-se a largura entre 0,7 – 4,9 cm;

a espessura entre 0,5 e 2,5 cm, o comprimento entre 6,0 e 11,9 cm e o peso entre 21 e 80 g. Estes valores métricos são similares aos verificados noutros conjuntos de crescentes estudados, provenientes do povoado dos Perdigões (Valera, 1998, p.102), dos povoados Moinho de Valadares 1, Mercador, Monte do Tosco 1 e Cerros Verdes 3 (Gomes, no prelo, p.110-111), e do povoado de Pombal (Boaventura, 2001, p.48-49). Os crescentes deste conjunto apresentam um número constante de perfurações (duas), localizadas próximo das extremidades. As características métricas das perfurações dos vários tipos de crescentes são relativamente semelhantes, com o diâmetro máximo a variar entre 0,2 – 1,5 cm e o diâmetro mínimo entre 0,1 – 1,0 cm.

O processo tecnológico, apresentado com maior detalhe em Costeira, 2010, visava a produção, certamente a partir de argilas locais, de componentes de tear de pastas compactas, homogéneas, bem cozidas, que possuem frequentes componentes não plásticos de pequena e média dimensão. A maioria das peças apresenta superfícies alisadas, sendo a decoração muito residual.

Com efeito, no conjunto de materiais analisado apenas se registaram 5 peças decoradas: duas placas rectangulares de arestas arredondadas, uma com quatro perfurações centradas e outra com duas perfurações próximas de uma das extremidades e por 3 crescentes, um de secção sub-rectangular, outro de secção circular e um de secção ovalada.

As decorações são incisais, localizando-se predominantemente nas duas faces das peças, em áreas centrais, sendo os motivos exclusivamente geométricos, baseados na linha e no triângulo. A frequência das decorações, as técnicas e os motivos presentes nos componentes de tear do povoado de S. Pedro acompanham a tendência geral dos contextos do Sudoeste peninsular.

A resistência das pastas e simplicidade de acabamentos, associada à utilização de peças com alguns defeitos e à reutilização de outras permitem evidenciar o carácter marcadamente utilitário destes objectos.

De facto, a atribuição de funcionalidade a placas e crescentes, objectos de que se desconhece grande parte dos contextos de utilização e para os

quais não se dispões de análises traceológicas é um exercício arriscado, mas por nos realizado desde o início deste trabalho, ao utilizarmos de forma consciente e propositada a designação de componentes de tear. Neste ponto procuramos reflectir sobre a associação de placas e crescentes a alguns teares conhecidos através de estudos etnográficos.

A morfologia das placas rectangulares, a diversidade numérica e posicional das suas perfurações e as suas características métricas, tornam possível, em teoria, a sua utilização em teares de placas, como já foi proposto por diversos autores, dos quais destacamos Cardito Rollán (1996, p.142-143), Boaventura (2001, p.51-53) e Gomes (no prelo, p.116). A associação deste tipo de placas a estes mecanismos permite explicar as subvariantes definidas neste trabalho, uma vez que o número e localização das perfurações condicionariam a rotação das placas, o que associado à sua variação métrica e quantidade de peças utilizadas determinaria a resistência e dimensão dos tecidos produzidos. Os vestígios de um tear deste género são difíceis de identificar arqueologicamente, uma vez que parte da sua estrutura é perecível e o número de placas variável, não sendo garantido que após a utilização do tear os componentes permanecessem concentrados. As marcas de utilização deste tear encontram-se com fortes probabilidades essencialmente nas perfurações, no entanto são difíceis de interpretar devido à reutilização das placas o que deixaria vestígios multidireccionais.

As placas rectangulares mais robustas e as placas ovaladas poderiam ser utilizadas como pesos num tear vertical de pesos. A presença de perfurações nas duas extremidades das placas levou-nos a colocar a hipótese do seu posicionamento horizontal, com todas as perfurações utilizadas em simultâneo, ao contrário da tradicional proposta vertical. De facto, consideramos menos problemática a hipótese da utilização simultânea de todas as perfurações de uma placa, uma vez que tornaria possível prender um maior número de fios, exigindo menos componentes no tear, sendo uma interpretação mais ajustada à esmagadora maioria de peças identificadas, que apresentam as duas extremidades perfuradas.

Os crescentes pela sua morfologia muito pecu-

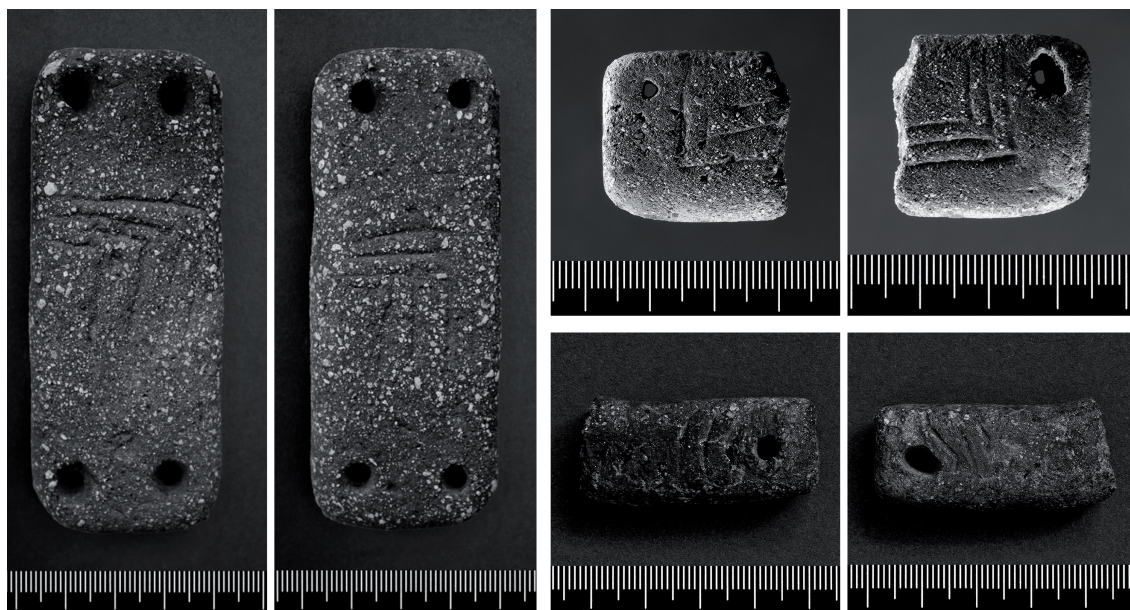


Fig. 8 Componentes de tear decorados (Fotos de V. S. Gonçalves e X. Veríssimo).

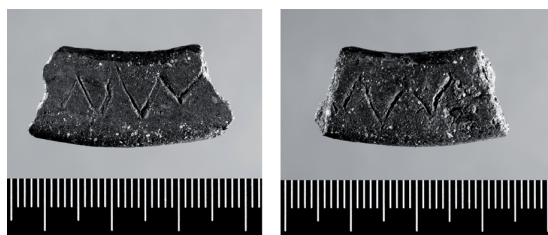


Fig. 9 Crescente decorado (Foto de V. S. Gonçalves).

liar colocam mais problemas à sua interpretação enquanto componentes de tear, porque se distanciam das formas de peças tipicamente associadas a teares.

Neste estudo, constata-se como Sérgio Gomes (no prelo, p.117-118) sugeriu, que em termos métricos gerais – largura, espessura, comprimento, peso e distância entre as perfurações, os vários tipos de crescentes se aproximam das placas rectangulares, principalmente dos subtipos com duas perfurações, variando apenas na forma. Estas semelhanças, tal como o mesmo autor indicou e Rui Boaventura (2001, p.52) havia referido anteriormente, permitem colocar a hipótese da utilização de crescentes em mecanismos semelhantes aos teares de placas, que se poderiam designar por “tear de crescentes”. Ape-

sar de não se conseguir reconstituir com clareza este engenho, considera-se que a forma dos crescentes poderia permitir diferentes rotações na torção dos fios, normalmente organizados em urdiduras verticais, tendo um carácter mais ergonómico, e abrindo outras possibilidades formais e decorativas na produção de tecidos.

Sérgio Gomes, no estudo já citado, propõe a reconstituição de um tear vertical de pesos com crescentes a desempenharem a função de pesos. Todavia, apesar deste autor defender que as características dos crescentes permitiriam a obtenção de tecidos resistentes e a utilização de mais fibras, a posição em que os coloca no tear parece pouco adequada à sua morfologia, uma vez que a área mais frágil da peça (zona mesial) estaria em contacto directo com a trave, o que provocaria um desgaste acentuado. Esta proposta poderia contribuir para explicar o estado fragmentado em que os crescentes normalmente surgem no registo arqueológico, mas tornaria também expectável a presença de marcas de desgaste ao longo da curvatura do crescente, o que não se observa no conjunto de elementos analisado.

Os crescentes de tipo C-IV.2 são os únicos que apresentam características que os poderiam tornar

aptos a desempenhar a função de pesos num tear vertical, uma vez que apresentam curvaturas pouco acentuadas e atributos métricos, principalmente o peso, muito robustos. A associação de crescentes a “teares de crescentes” e a teares verticais de pesos são hipóteses que ainda necessitam de um longo caminho de discussão e demonstração.

Os componentes de tear nos contextos e fases do povoado de S. Pedro

O sítio arqueológico de S. Pedro caracteriza-se por uma estratigrafia complexa, resultante de longas etapas de ocupação e de um forte dinamismo construtivo durante as fases pré-históricas. Os estratos de ocupação e de derrube apresentam, geralmente, uma extensão e espessura reduzidas.

A descrição das várias unidades de proveniência dos componentes de tear em análise permitiu verificar que a maioria são depósitos heterogéneos, que em termos gerais não apresentam características diferenciadoras, sendo praticamente imperceptível a existência de contextos exclusivos destes materiais.

Os componentes de tear surgem em unidades estratigráficas localizadas nos vários sectores de escavação, normalmente fragmentados e isolados, ou em associações inferiores a cinco peças, sendo na sua maioria identificados em contextos de abandono.

Apesar do panorama geral, identificaram-se alguns conjuntos numericamente expressivos, localizados principalmente na área nascente do sector D, em unidades de enchimento de estruturas negativas. O estado fragmentado da maioria destas peças torna pouco defensável a sua associação a um contexto de tear, sendo mais aceitável a sua interpretação enquanto área de dejectos. No mesmo sector identificou-se, igualmente no interior uma estrutura negativa, um conjunto de vinte e seis crescentes, maioritariamente de secção ovalada, dos quais dez se encontravam completos e tendencialmente concentrados no lado poente das unidades. Neste caso, o estado de conservação dos artefactos e a sua homogeneidade podem tornar-se argumentos válidos para interpretação deste contexto como uma possível área de tear.

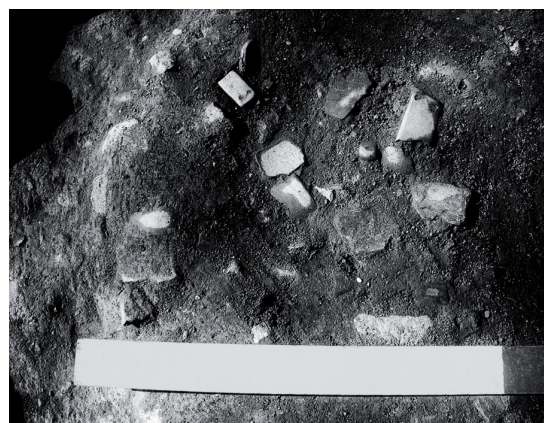


Fig. 10 Unidade estratigráfica [381] - interior da estrutura [345].

Para além de estruturas negativas identificaram-se outras estruturas como a cabana-torre [345] no sector A, com conjuntos expressivos de componentes de tear nos seus enchimentos. Todavia, a fragmentação, diversidade formal dos materiais e a complexidade das unidades estratigráficas dificilmente permitem a sua associação a um único tear.

O faseamento das unidades estratigráficas de proveniência dos componentes de tear apesar de problemático e em vários contextos ainda muito vago, permite construir uma imagem geral em que as duas formas coexistem em todas as fases do povoado. Se reduzirmos a escala de análise e nos centrarmos novamente no sector D, uma das áreas com mais componentes de tear e com menos problemas no faseamento, detectamos uma maior expressão de placas nas fases mais antigas, associadas ao primeiro quartel do 3.º milénio a.n.e (I / II), e um aumento do número de crescentes nas fases mais recentes (III, IV e V). Esta tendência, embora não seja tão expressiva nos restantes sectores, em que o número de placas e crescentes é muito próximo nas fases mais antigas, verifica-se no aumento acentuado dos segundos a partir da fase III.

A integração dos componentes de tear nos espaços do povoado de S. Pedro não permite o reconhecimento de áreas funcionalmente especializadas, o que pode resultar da formação do sítio arqueológico, das especificidades do método de escavação utilizado, ou da versatilidade da actividade indica-

da, que não exigiria uma segregação espacial.

Os componentes de tear no Ocidente da Península Ibérica

Para finalizar, pretendemos abordar de forma global mas breve a distribuição dos componentes de tear no Ocidente da Península Ibérica, com o objectivo de reforçar a pertinência e complexidade deste tema.

Numa visão de macro-escala o Ocidente peninsular surge dividido em duas grandes áreas materialmente distintas:

Norte e Centro, onde os componentes de tear se

apresentam robustos e maioritariamente com morfologias de tipo placa;

Sul (Alentejo e Algarve), onde estes artefactos têm características gráceis, ocorrendo em dois grandes grupos – placas e crescentes.

Os resultados desta primeira imagem são reforçados com a redução da escala de análise, uma vez que as dissemelhanças formais de cada área geográfica se tornam mais acentuadas.

No Norte Litoral, Trás-os-Montes e Beiras os componentes de tear surgem sob a forma de placas (rectangulares e ovaladas) com características diversificadas, nomeadamente no número (entre duas e quatro) e localização de perfurações. Em termos métricos são tendencialmente mais espessas, alongadas e pesadas do que as placas das restantes regiões (Valera, 1997, p. 90). As decorações destes materiais são raras, verificando-se apenas em alguns exemplares a presença de motivos geométricos realizados com traços incisos algo grosseiros. Nestas áreas, de acordo com os dados actualmente disponíveis, identificaram-se raros fragmentos de crescentes em povoados como Castanheiro do Vento (Pereira, 2010) e Monte do Trigo (Vilaça, 2008).

Na Estremadura a forma de componentes de tear mais expressiva é igualmente a placa (rectangular, quadrangular ou ovalada), com o mesmo tipo de variações morfológicas das regiões nortenhas mas apresentando-se em termos métricos mais curtas, menos espessas e mais leves (Valera, 1997, p.90). Estas placas caracterizam-se pela profusão decorativa, produzida com técnicas variadas e pelos motivos tematicamente diversificados (Paço, 1940, Branco, 2007, p.70). Os crescentes, quando surgem nesta região, são realidades muito circunscritas (Cardoso, 2007, p. 44, fig. 36).

No Alentejo os componentes de tear surgem em forma de placas e crescentes, com múltiplas variantes. As placas desta região são, na sua maioria, mais estreitas, finas e leves do que as do Norte e Estremadura, registando-se casos pontuais de semelhança morfológica. As decorações nas duas formas são reduzidas, mas em alguns povoados, como o Castro de Vidais (Marvão), assumem uma expressão relevante. Os principais motivos decorativos são geométricos, simbólicos e

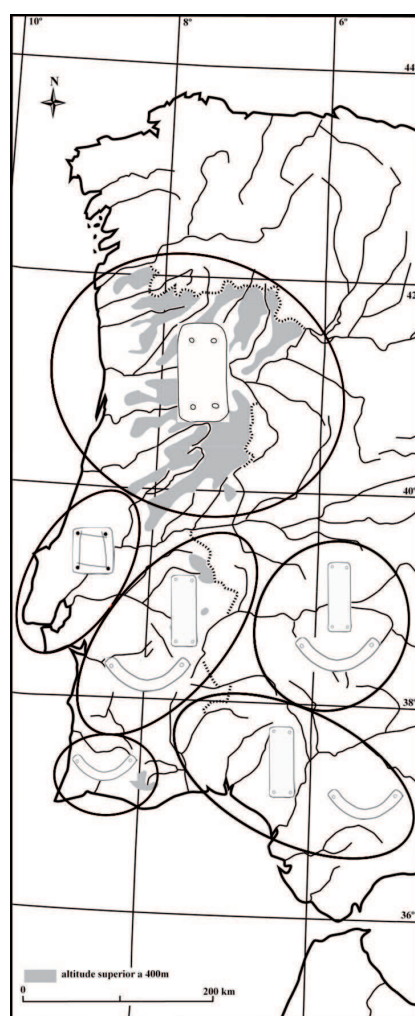


Fig. 11 Mapa de distribuição das principais formas de componentes de tear no Ocidente da Península Ibérica (Base cartográfica: Gonçalves 1989).

antropomórficos.

No Algarve os conjuntos de componentes de tear publicados, como os do Cerro do Castelo de Santa Justa (Gonçalves, 1989, p. 294) e de Alcalar (Móran e Parreira, 2004) parecem ser exclusivamente constituídos por crescentes semelhantes aos do Alentejo. Porém, não se pode asseverar que as placas são completamente inexistentes nesta região, uma vez que em diversos contextos próximos, na vizinha Andaluzia, esta forma surge associada a crescentes (Lizcano, et al., 2009).

A distribuição dos componentes de tear nas diferentes regiões evidencia uma clara multiplicidade morfológica, provavelmente associada a distintas tradições de tecelagem. De facto, a diversidade formal dos componentes de tear acompanha a variabilidade decorativa regional dos recipientes cerâmicos, o que poderá evidenciar a existência de identidades muito definidas (Sousa, 2010, p.241) nas várias áreas do Ocidente peninsular no 3.º milénio a.n.e. Esta imagem de dispersão é sobretudo espacial, uma vez que as coordenadas temporais são muito abrangentes (final do 4.º e o 3.º milénio a.n.e.), não se conseguindo ainda afirmar se todos os tipos de componentes de tear são simultâneos ou se a sua diversidade poderá ter uma leitura diacrónica. Para além da questão formal é igualmente importante reflectir sobre a questão quantitativa, uma vez que com os dados actualmente disponíveis, parece haver uma clara discrepância entre os povoados do Sul e os do Norte e Estremadura, com os primeiros a apresentar conjuntos de componentes de tear numericamente muito expressivos. O que significará esta diferença? Uma imagem arqueológica, resultante dos constrangimentos da investigação ou uma diferença na escala de utilização destes materiais como já foi proposto por vários autores (Calado, 2001, p.97, Sousa, 1998 e Sousa, 2010, p.344)? Estas e muitas outras questões só poderão ser esclarecidas com a continuação do estudo de placas e crescentes e dos seus sítios de proveniência.

Bibliografia

ALFARO GINER, C. (1984) – *Tejido y cesteria en la Península Ibérica: Historia de su técnica e industrias desde la Prehistoria hasta la Romanización*. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Instituto Español de Prehistoria. (Biblioteca Prehistorica Hispana, 21).

BARBER, E. J.W. (1991) – *Prehistoric Textiles: The Development of Cloth in the Neolithic and Bronze Ages: With Special Reference to the Aegean*. New Jersey. Princeton University Press.

BARKER, P. (1977) – *Techniques of Archaeological Excavation*. Londres. Batsford.

BOAVENTURA, R. (2001) – *O sítio calcolítico do Pombal (Monforte): Uma recuperação possível de velhos e novos dados*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 20).

BRANCO, M.G. (2007) – *A Pedra de Ouro (Alenquer): uma leitura actual da colecção Hipólito Cabacho*. Lisboa. Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 49).

CALADO, M. (1993) – *Carta Arqueológica do Alandroal. Alandroal*. Câmara Municipal de Alandroal.

CALADO, M. (1995) – *A região da Serra d'Ossa: Introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica (Edição policopiada).

CALADO, M. (2001) – *Da Serra d'Ossa ao Guadiana: um estudo de pré-história regional*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. (Trabalhos de Arqueologia, 19).

CARDITO RÓLLAN, L.M. (1996) – Las manufacturas textiles en la prehistoria: Las placas de telar en el Calcolítico Peninsular. *Zephyrus*. Salamanca. 49, p.125-145.

CARDOSO, J.L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p.9-276.

CORREIA, V. (1914) – Os Pesos de Tear. Revista a

Águia – Órgão da Renascença Portuguesa. Porto. Série 2, 6, p.176-181.

CORREIA, V. (1921) – *El Neolítico de Pavia (Alentejo, Portugal)*. Madrid. Comisión de Investigaciones Paleontológicas e Préhistóricas (Memorias 27), p.22-24.

COSTA, A.J.M. (1903) – Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: Objectos prehistóricos encontrados no Castro da Rotura. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 1, 8, p.47-55.

COSTA, A.J.M. (1906) – Estações prehistóricas dos arredores de Setúbal: o castro de Chibanes. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série.1, 11, p.40-50.

COSTEIRA, C. (2010) – *Os componentes de tear do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central), 3.º milénio a.n.e.* Lisboa. Tese de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa (Edição policopiada).

DINIZ, M. (1994) – Pesos de tear e tecelagem no calcolítico em Portugal. Trabalhos de Antropologia e etnologia. Porto. *Actas do Primeiro Congresso de Arqueologia Peninsular* 34:3-4, p.133-149.

FERNANDEZ GOMEZ, F.; OLIVA ALONSO, D. (1985) – Excavaciones en el yacimiento calcolítico de Valencina de la Concepción (Sevilla) El Corte C (la Parrera). *Noticiario Arqueológico Hispanico*. Madrid. 25, p. 102-113

GOMES, S. (1998-1999) – Os pesos de tear da estrutura ritual com ossos de Castelo Velho de Freixo de Numão. In JORGE, S. O.; OLIVEIRA, M. L.; NUNES, S. A.; GOMES, S. – Uma estrutura ritual com ossos humanos no sítio pré-histórico de Castelo Velho de Freixo de Numão (V.a N.a de Foz Côa). *Portugalia*. Porto. Nova Série. 19-20, p.29-70.

GOMES, S. (2003) – *Contributos para o estudo dos “pesos de tear” de castelo Velho de Freixo Numão (Vila Nova de Foz Côa): Exercícios de interpretação do registo arqueológico*. Porto. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto (Edição policopiada), 2 vol.

GOMES, S. (no prelo) – “Tecelagem e Pesca: os pesos”. In VALERA, A.C. (org.), *As Comunidades agro pastoris na margem esquerda do Guadiana (2ª metade do IV aos finais do II milénio AC)*. EDIA. (Colecção Memórias d’Odiana), p.109-126.

GONÇALVES, V.S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental: Uma aproximação integrada*. Lisboa: UNIARQ; INIC., 2 vols.

GONÇALVES, V. S (2001) – O trigo, o cobre, a lã e o leite: um guia bibliográfico e uma curta introdução às sociedades camponesas da primeira metade do 3.º milénio no Centro e Sul de Portugal. *Zephyrus*. Salamanca. 53-54, p.273-292.

GONÇALVES, V. S. (2002): Cobre, RPS e Fortificações no Centro e Sul de Portugal, *Arqueologia e História*. Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa. 54, p.87-98.

HARRIS, E. (1989) – *Principles of Archaeological Stratigraphy*. Londres: Academic Press. 2.ª Edição.

LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F.; CARVALHO, A.F. (1998) – O povoado dos Perdigos (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 1:1, p.45-152.

LIZCANO, R.; NOCETE, F.; PERAMO, A. (2009) – *Las Eras: Proyecto de puesta en valor y uso social del patrimonio arqueológico de Úbeda (Jaén)*. [CD-ROM]. Huelva. Universidade de Huelva.

MARTIN DE LA CRUZ, J.C. (1985) – *Papauvas I, Aljaraque- Huelva. Campañas de 1976 a 1979. Excavaciones Arqueológicas de España*. Madrid: Ministerio de Cultura.

MARTIN DE LA CRUZ, J.C. (1986) – *Papa Uvas II. Aljaraque, Huelva. Campañas de 1981 a 1983. Excavaciones Arqueológicas de España*. Madrid: Ministerio de Cultura.

MATALOTO, R., ESTRELA, S., ALVES, C. (2007) – *As fortificações calcolíticas de São Pedro (Redondo, Alentejo Central, Portugal)*. In Cerrillo, E.; Valadés, J., ed. *Los primeros campesinos de La Raya: Aportaciones recientes al conocimiento del neolítico y calcolítico en Extremadura y Alentejo*. *Actas de las Jornadas de Arqueología del Museu de Cáceres*, 1, 2007. Cáceres. Consejería de Cultura y Turismo (Memórias, 6), p.113-141.

MATALOTO, R. (2010) – O 4.º/3.º milénio a.C. no povoado de São Pedro (Redondo, Alentejo Central): fortificação e povoamento na planície centro alentejana. In GONÇALVES, V. S.; SOUSA, A. C., eds., 2009. *Transformação e mudança no Centro e Sul de Portugal no 3.º milénio a.n.e.* *Actas do Colóquio Internacional*. Cascais: Câmara Muni-

cial, p.263-296.

MATALOTO, R.; MÜLLER, R. (no prelo) – Construtores e metalurgistas: faseamento e cronologia pelo radiocarbono da ocupação calcolítica do São Pedro (Redondo, Alentejo Central) In, *Kupferzeitliche Metallurgie in Zambujal, in Estremadura, Südpotugal und Südwestspanien: Vom Fertigprodukt zur Lagerstätte*. Arbeitstagung Alqueva-Staudamm, 27. bis 30. Oktober 2005. Série Iberia Archaeologica. DAI: Abteilung

MATALOTO, R.; COSTEIRA, C.; ROQUE, C. (no prelo) – Vivência e memória – a ocupação campaniforme do povoado de S. Pedro (Redondo, Alentejo Central)

MÓRAN, E.; PARREIRA, R. (2004) – O Povoado Calcolítico de Alcalar (Portimão) Na paisagem cultural do alvor do III milénio antes da nossa era. In JORGE, S.O. (2004) – *Recintos murados da Pré-História recente*. Porto – Coimbra. DCTP/CEAUCP, p.307-327.

PAÇO, A. (1940) – Placas de Barro de Vila Nova de S. Pedro. Congresso do Mundo Português, vol.II *Memórias e comunicações apresentadas ao congresso de Pré e Proto-História*, Lisboa. p.236-249.

PAÇO, A. (1953) – *Carta Arqueológica do Concelho de Marvão*. Lisboa: Imprensa Nacional.

PAÇO, A.; VENTURA, J.F. (1961) – Castelo do Giraldo (Évora). Trabalhos de 1960. *Revista de Guimarães*. Guimarães, 71 (1-2), p.27-49

PEREIRA, F.A. (1915) – Estação arqueológica do Outeiro da Assenta (Óbidos). Lisboa *O Arqueólogo Português*, série 1, 20, p.107-155.

PEREIRA, M. (2010) – *Pesos de tear e elementos de tear na Pré-história recente portuguesa: contributos para pensar o processo arqueológico*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (Edição policopiada).

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1976-77) – Contribuição para o conhecimento dos Povoados calcolíticos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2-3, p.179-272

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1987) – O povoado fortificado do Monte da Tumba I – Escavações arqueológicas de 1982-86 (resultados preliminares). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p.29-79.

SILVA, C. T.; SOARES, J. (1988) – *O povoado fortificado da Idade do cobre do Monte da Tumba (Torrão) – cinco anos de escavações arqueológicas*. Movimento cultural. Setúbal, 4, p.16-43.

SIRET, L. (1907) – Orientaux et Occidentaux en Espagne aux temps Préhistoriques. *Revue des Questions Scientifiques*. Bruxelas.

SOUSA, A.C. (2010) – *O Penedo do Lexim e a sequência do Neolítico Final e Calcolítico da Península de Lisboa*. Tese de Doutoramento em Pré-História. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 vol.

VALERA, A. (1997) – *O castro de Santiago (Fornos de Algodres – Guarda). Aspectos da calcolitização da bacia do Alto Mondego*. Lisboa: Câmara Municipal de Fornos de Algodres. (Textos Monográficos 1).

VALERA, A. (1998) – Análise da componente cerâmica do povoado dos Perdigões. In LAGO, M. [et. al.] (1998) – O povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: 1:1, p.80-104.

VALERA, A. C. (2006) – A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4.º aos inícios do 2.º milénio AC. *Era Arqueologia*. Lisboa. 7, p.136-211.

VASCONCELLOS, J.L. (1916) – Entre Tejo e Odiana. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série 1, 21, p.152-195.

VASCONCELLOS, J.L. (1918) – Pelo Sul de Portugal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I, 23, p.104-138.

VASCONCELLOS, J.L. (1929) – Antiguidades do Alentejo. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série I, 28, p.158-200.

VEIGA, S.P.E. (1889) – *Antiguidades Monumentais do Algarve. Tempos Pré-históricos*. vol. III. Lisboa. Imprensa Nacional.

VILAÇA, R.; CRISTÓVÃO, E. (1995) – Povoado pré-histórico de Monte do Trigo (Idanha-a-Nova). IN Estudos Pré-Históricos, Vol. III, P. 201 – 211.

VILAÇA, R. (2008) – Através das Beiras: Pré-História e Proto-História. Coimbra: Palimage.